

A SAGA DE ERIK, O VERMELHO E A PRESENÇA NÓRDICA NA AMÉRICA.

Pablo Gomes de Miranda*

Palavras-chave: Sagas Islandesas; Vikings; Vinlândia.

Resumo:

Os estudos na área de História Medieval, no Brasil, têm crescido a duras penas. Utilizando-se do argumento de que não tivemos um momento no medievo, a própria academia muitas vezes cuida para minar as pesquisas nessa área. A literatura é uma das saídas que nós, sem esse suposto período medieval, temos utilizado a algum tempo. Sejam elas as obras atribuídas a Chrétien de Troyes ou obras como “A Canção de Rolando”, entre outras. As Sagas Islandesas fazem parte dessa literatura medieval, e se situa em uma importante época na Escandinávia, a transição entre o paganismo e o cristianismo. Esse presente trabalho tem como intenção através da análise da “Saga de Erik, o Vermelho” (Eiríks Saga Rauða), referente à exploração e colonização da Groelândia e da “obscura” Vinlândia, bem como comparações com as descobertas arqueológicas em New Foundland, entender um assunto que liga diretamente a Escandinávia medieval, em plena era Viking, e a América.

1 - Introdução:

Pouco conhecemos, fora do meio acadêmico, sobre os Vikings. Esses invasores, bárbaros e sanguinolentos, que ficaram famosos assim nos tomos medievais escritos pelos religiosos cristãos, nos chegam da mesma forma em que foram conservados nessas escrituras. Sendo assim, há um esforço em demonstrar um viking diferente, excelente navegador, adaptável colono, um desbravador talentoso. A Islândia é um bom exemplo disso, uma colônia feita em praticamente um deserto de gelo, onde a falta de madeira e de outras matérias primas é notável. Não ignorando os saques, guerras e destruição que esses homens deixaram pela Europa e que os torna famosos até hoje, uma fama herdada dos clérigos medievais, e que apesar de negativa os deixaram imortais, também não podemos ignorar esse lado explorador e aventureiro que o povo

* Aluno do curso de graduação de licenciatura plena em história na UFPB; monitor da disciplina de História Medieval.

escandinavo na idade média possuíam. O que proponho nesse trabalho, é uma visão a partir da literatura dessa época, bem como de uma análise bibliográfica, mostrar esse viking, colono e fazendeiro.

2 – A Saga de Erik, o Vermelho (Eiríks saga rauða):

A Saga Islandesa é uma fonte útil para os estudos nórdicos medievais. São histórias que narram a formação e acontecimentos das famílias assentadas na ilha, e é considerada uma ótima opção de fontes escritas nessa época. Porém ela apresenta um problema: foram escritas anos depois dos verdadeiros acontecimentos que elas se propõem a narrar. Assim se torna questionável os fatos históricos por elas narradas tem, assim, a sua precisão afetada. No livro “The Roots of the Sagas”, Jónas Kristjánsson escreve um diálogo com o estudioso das sagas Jón Johannesson, na qual está a seguinte passagem: “... Eu perguntei a ele se o próprio acreditava que as sagas eram pura ficção”. “Não, nem tudo”, ele respondeu, “Eu apenas não sei o que fazer com elas”.(BYOCK, 2001:21)¹. Mas, será que esse impasse afeta a validade da obra “Eiríks saga rauða”, que é uma dessas sagas e que usaremos como fio condutor nesse trabalho?

A resposta é não. Não podemos saber, por exemplo, se o rei católico Olaf Tryggvason encorajou Leif, o sortudo, a fazer sua expedição a Vinlândia e a implantar o catolicismo nessa colônia que viria a surgir, mas podemos saber (mesmo por comparação com outras sagas, ou outras fontes escritas) que o catolicismo havia chegado a Escandinávia (inclusive, por volta do ano 1000, ela havia se calcado solidamente nessa região) e que os fazendeiros da Islândia podiam se manter próximo ao reinado da Noruega, apesar do conflito que havia se fixado entre as duas localidades em situação anterior. Para usar as palavras de Jesse Byock:

“Pelas sagas terem valor literário, não significa que elas sejam desprovidas de informação sociológica. Os Islandeses medievais escreviam as sagas sobre eles e para eles. Explorando a literatura das sagas em conjunto com outras fontes, nós damos um passo mais perto de entender a essência da funcionalidade da sociedade medieval islandesa”.(BYOCK, 2001:24).

A saga de Erik, o Vermelho (filho de Thorvald), narra a história de um homem que ainda quando criança é levado da Noruega por seu pai, este por sua vez banido de lá por cometer assassinato. Cresce na Islândia, uma ilha a noroeste da Noruega, onde apesar de ser bem

¹ Esse diálogo aparece no livro “Viking Age Iceland” de Jesse Byock.

colonizado, não é um lugar estável. A ilha coberta de neve também mantém vulcões que se encontram ativos ainda hoje, também sofre de abalos sísmicos constantes, causando rolamento de pesadas pedras e causando tormento aos colonos. Mais tarde, ele irá ser acusado e banido da Islândia por ter causado um confronto com uma família de fazendeiros. Erik, casa-se com Thjodhild e passa a morar em terras perto das do seu sogro, onde Erik se encontra em um conflito fundiário, no qual os homens dele são mortos depois de acusados de eles, por sua vez, rolarem uma pesada pedra em uma casa. Após vários confrontos e mortes, Erik é julgado e banido da Islândia. Navegando a Oeste ele descobre terras novas, teria ele ouvido notícias antes? Provável que sim, chamando a nova terra de Gröland (Groelândia), que significa “terra verde”, ele atrai grande número de colonos.

Seu filho, Leif, que mais tarde irá ganhar a alcunha de “O Sortudo”, viaja pelas Hébridas para conhecer o rei Olaf Tryggvason, onde, a pedido dele, traz o cristianismo para a Groelândia, agora uma colônia em crescimento e com algumas famílias já assentadas. Leif embarca depois a procura de terras que tinha ouvido falar mais a Oeste, com uma tripulação e alguns escravos ele embarca para achar as terras que foram chamadas de Vinland, e que por muito tempo houve questionamentos sobre a possibilidade dessas terras se encontrarem no continente americano. Após a descoberta de Leif, uma outra expedição, a de Karlsefni também se dirige a Vinland, onde começam as tentativas de colonizar a região. Essa tentativa é frustrada por desentendimentos com os nativos locais, chamados pelos pioneiros de Skrælings. Esses desentendimentos são na verdade, confrontos violentos e que devido à quantidade maciça de ataques que esses nativos fazem, inviabilizam a colonização, aonde os pioneiros acabam voltando para a Groelândia. Claro que há bem mais nessa saga que esse pequeno resumo, como a difusão do cristianismo, os trechos de poesia, as narrativas das viagens, os laços familiares e dos viajantes que comercializam com os groelandeses.

3 – Os Navios:

Os barcos vikings são, tanto para o medievo, quanto para o nosso mundo contemporâneo, o seu símbolo maior. É a vista dos barcos despontando no horizonte, que afugentava os moradores das vilas e dos mosteiros a serem saqueados. O barco viking continua ainda hoje se mantendo em nossa imaginação como um símbolo de liberdade e aventura, e sendo uma

civilização marítima, os escandinavos sem esses barcos não teriam chegado tão longe e tampouco teriam tido tantas memórias legadas pelos seus assustados contemporâneos.

Esses barcos também desenvolvem um papel fundamental na saga de Erik, é ela que permite as várias mudanças de cenário e propiciam uma interação social entre os seus personagens. Em um determinado ponto da saga, nos temos um Erik inconformado por não ter viveres o suficiente para uma boa festa de natal em Brattahlíð (seu assentamento na Groelândia), e o seu amigo Karlsefni, agradecido pela hospitalidade e generosidade dada pelo seu anfitrião, lhe diz possuir produtos em seu barco, que poderiam utilizar para a festa. Então para essas sociedades, os barcos não necessariamente são aparelhos de guerra, mas também de comércio e de viagem, o que é facilmente excluído dos tomos católicos, já que os mesmos apenas se “lembraram” do viking saqueador e pilhador.

Tais barcos se situavam em uma grande variedade, desde pequenos botes de pesca, a compridos navios de guerra, de barcos largos para a travessia do atlântico norte, a prováveis lendas, como a Grande Serpente, o barco de guerra do rei Olaf Trygvasson. Por hora nosso interesse está nesses barcos mais largos, utilizados para o comércio e para longas viagens em alto-mar, pois foram nesses barcos que, provavelmente, vinham os colonizadores, mesmo que fossem embarcações mais lentas, poderiam levar consigo carregamentos muito maiores as desses navios de guerra: “A capacidade de carga dos navios Klåstad, Äskekär e Hedeby, são estimados experimentalmente, em 13 toneladas, 18-20 toneladas e 38 toneladas, respectivamente”.(ROESDAHL, 1998:89).

Há variações, claro, mas em comum nesses barcos temos, a vela fixa, o que dificultava um pouco a capacidade de manobra desses cargueiros, alguns remos, que junto ao leme vai suavizar a deficiência da vela, e uma área no meio da embarcação, situando abaixo do assoalho, indo em direção ao casco do navio, onde se colocavam as cargas, aproveitando assim o espaço tanto na horizontal, quanto na vertical (pois se podia empilhar os produtos, desde uma altura perto do casco, até a uma altura depois do assoalho).² Além disso, os navios escandinavos eram verdadeiras obras-primas, os barcos de guerra eram, inclusive, dotados de alta flexibilidade e de quilha trabalhada, alguns apresentando serpentes, dragões ou outras figuras, de onde veio o nome “Drakkar”, que os franceses deram aos esses barcos. Apesar da Arqueologia nos fornecer muitas

² Foram feitos reconstituições desse tipo de embarcações na Dinamarca, o Saga Siglar e o Roar Edge. Suas construções se devem a experimentar suas capacidades de carga e o seu comportamento durante a navegação (como a velocidade e capacidade de manobrar).

informações materiais desses barcos, infelizmente a História ainda sabe pouco sobre a navegação dos vikings em si. Eles viajavam sem bússola, invenção de grande ajuda na navegação moderna, talvez se baseando pelas estrelas, utilizando o sol e se baseando pela linha do horizonte, mas são apenas hipóteses, algo que necessita de novas descobertas para ser comentado.

4 – A Groelândia:

Quando Erik sai da Islândia, ele jura voltar e fazer contato com seus amigos, mas que por hora queria ver a terra que Gunnbjorn Ulf-Krakuson havia avistado durante uma tempestade enquanto navegava. Ao chegar na nova terra, logo ele prepara um pequeno assentamento e se ocupa na exploração dessas novas terras. No seu quarto ano ali, ele volta para a Islândia, comentar sobre a sua descoberta e lá ele passa o inverno, inclusive chegando a resolver pacificamente seus desafetos anteriores. No próximo verão, ele vai colonizar as terras que ele chama de “terras verdes” (Groelândia), pois acha que um nome assim vai encorajar quem queira ir para essa nova colônia. Porém, essa travessia, mesmo sabendo dos talentos navais desse povo nórdico e da sua engenharia marítima, necessitava coragem, pois ela não era feita de modo tranquilo, como podemos observar nessas passagens:

“Ari Thorgilsson nos fala que vinte e cinco navios partiram nesse verão para a Groelândia de Breidafjord e Borgarfjord, mas apenas quatorze deles chegaram lá. Alguns foram forçados a voltar e alguns outros pereceram. Isso foi quinze anos antes da fé cristã se tornar lei na Islândia. Erik, mais tarde, tomou Eiriksford por direito de assentamento e lá viveu em Brattahlid”(JONES, 1999:129-130).

“Trinta homens se prepararam para essa viagem com ele, e seguindo estavam Orm de Arnarstapi, junto a sua esposa, e alguns amigos de Thorbjorn que estavam relutantes em partir dali. Em pouco tempo eles se lançaram ao mar, mas uma vez que saíram para o mar, o vento favorável parou, eles perderam o seu curso, e fizeram pouco progresso pelo verão inteiro. Então, a doença se espalhou entre os companheiros, assim Orm morreu, bem como a sua esposa, e metade do grupo”(JONES, 1999:133).

Porém a colonização foi feita com sucesso, um colônia oriental, aquela ocupada pelos primeiros colonizadores, e uma mais ao norte, a colônia ocidental. Apesar do clima rigoroso dominar naquela área, havia terras cultiváveis e frescas, já que não havia ocorrido ali nenhum

cultivo ou pessoas para praticar a agricultura, um clima mais ameno que o de hoje, e terras para o pastoreio dos animais que haviam sido trazidos com os colonos, como cordeiros e cabras. Os residentes tinham à disposição grande fonte animal que poderiam caçar, tais como focas, ursos, baleias, peixes e baleias e também poderiam conseguir ali artigos (peles de urso polar e de raposas do ártico, ossos de baleias, falcões de caça, etc) para trocar por mercadorias européias (geralmente metais, madeira e cereais). Esses tipos de produtos só poderiam ser conseguidos no extremo norte da Europa, assim eram de alto valor de troca e que esses colonos poderiam obter com certa facilidade.

Segundo a saga, a mulher de Erik, Thjodhild deu a luz a dois filhos. Um deles, Leif vai navegar pelas Hébridas até a Noruega. Lá ele faz amizade com o rei Olaf Tryggvason, que o convida a permanecer com ele.

“Veio o dia em que o rei achou uma ocasião para falar com Leif”. Vai você partir para a Groelândia, nesse verão?” perguntou a ele.

“Eu vou” disse Leif “com a sua permissão”

“Eu acho que tudo vai sair bem”, respondeu o rei. “Você deverá ir, com a minha autorização, pregar o Cristianismo lá”.

Leif disse que faria o rei lhe ordenava, mas adicionou que achava essa missão a mais difícil para levar a Groelândia.

O rei falou que não havia homem melhor preparado para isso do que ele. “Você vai trazer para si boa sorte”

“Então assim será” disse Leif, “apenas se eu desejar sorte para você também”. ”(JONES, 1999:139).

O cristianismo já era conhecido na Escandinávia, mas foi por volta do ano 1000 d.c. que ela começou a tomar mais força e a ser, por vezes, obrigatória. A passagem da antiga religião pagã para a nova, cristã não começa violenta, mas é encorajada aos poucos, onde mais tarde sim, se tornará oficial e obrigatória. Quando Leif retorna para casa, e prega o cristianismo, ele encontra dois lados representando as duas práticas religiosas: sua mãe Thjodhild aceitou a nova fé com rapidez e entusiasmo, enquanto Erik, seu pai, não teve o mesmo entusiasmo para abandonar suas antigas práticas religiosas. Diferente do que ocorre na Europa continental, mesmo na Escandinávia (exemplo da Noruega), essa entrada para o cristianismo se deu de forma rápida e pacífica na Islândia. Não é difícil imaginar que na Groelândia, uma colônia que não tinha muito tempo de fundação e que mantinha contato com ela também não tenha encontrado dificuldades.

Leif representava um novo tipo de colonizador, mais moderado que seu pai e cristão, o cristianismo abre as portas para o fim da chamada “Era Viking”, mas isso não quer dizer que ela ainda tenha terminado, se o descobrimento de novas terras lega grande glória e fama ao seu descobridor, Leif vai entrar para as sagas familiares como o descobridor de novas terras, férteis e promissoras, e para os estudos modernos, uma grande charada: se tudo não passou de uma peça, que a saga nos prega, ou uma realidade, sobre a possibilidade de uma colonização nórdica na América.

5 – A Vinlândia:

A saga conta que Leif ao se despedir do rei Olaf, e partir para a Groelândia, ele descobre uma nova terra, como nunca havia imaginado. Essa passagem vai ser completada por outras que mostram uma colonização posterior, para as terras que foram descobertas. Logo se bolou a hipótese de uma breve colônia aqui na América, o que mais tarde foi confirmado arqueologicamente³. Porém antes da descoberta desse sítio, várias falsificações apareceram tentando “provar” essa hipótese, talvez a mais famosa dela seja o “Mapa de Vinland”, uma falsificação em que aparecem a Groelândia e a Vinlândia em algum lugar na América do Norte, inclusive existem algumas falsas idéias que tentam provar a presença dos nórdicos aqui na América do Sul, é o exemplo da Pedra da Gávea, onde alguns acreditam ali estar esculpido a face do deus pagão Odin, ou de pinturas rupestres que são erroneamente confundidas com runas escandinavas. Mas claro, vamos nos ater aqui ao que for descrito na saga, e nos achados de L’Anse aux Meadows.

A primeira indicação dessas terras descobertas por Leif, talvez seja essa passagem:

“Leif se pôs ao mar, e estava ao mar por longo tempo, e desembarcou nessas terras qual existência ele nunca sonhou antes. Lá se encontravam campos de trigo nascendo selvagem e lá nasciam vinhas. Lá também encontrou essas árvores que são chamadas de bordo, e eles foram embora com algumas amostras de todas essas coisas – algumas árvores tão grandes que elas eram usadas nas construções de casas”.(JONES, 1999:139).

³ O sítio arqueológico L’Anse aux Meadows se situa em New Foundland, uma ilha e província do Canadá, foi escavado pelo arqueólogo norueguês Helge Instad. Lá foram achados várias fundações de uma granja, e as construções seriam revestidas de turfeiras, como as usadas na Escandinávia. Além disso, foram achados outros artigos que não pertenceriam aos nativos, como um broche de bronze.

Porém, a América do Norte, pode ter sido avistada antes, por um explorador chamado Bjarni Herjolfsson, que avistou as terras de Markland e Helluland (terras dos bosques e terra das rochas planas, respectivamente)⁴, que são locais utilizados mais tarde como referência para se navegar da Groelândia até a Vinlândia. Os pais de Bjarni estavam junto a Erik, na colonização da Groelândia, o que não descarta a hipótese de Leif ter ouvido os relatos e tentado ir explorar melhor a região, inclusive indo mais longe e desembarcando numa terra que o próprio Bjarni não havia visto, indo passar um inverno nessa terra, para depois voltar a Groelândia.

Após a rápida estadia de Leif na Vinlândia, uma expedição é organizada por Thorfinn Karlsefni, um convidado de Erik em Brattahlid. Ele junta uma comitiva entre colonos e familiares de Erik que segundo a saga chegava ao número de cento e sessenta pessoas ao partirem. Claro que é complicado acreditar em um número certo em um evento escrito anos depois, mas com certeza pode ter havido um grande esforço e mobilização para essa empreitada. A jornada é longa, passando pelas mesmas localidades que a exploração anterior havia passado, ilhas e novas terras; e difícil, os colonos passam por problemas, privações e discussões durante a jornada. Mas ao conseguir achar os trigos selvagens e as uvas, a comitiva de Karlsefni assenta-se na nova terra, chamada de Vinlândia:

“Karlsefni e seus homens construíram, eles mesmos, tendas acima do lago; algumas de suas casas estavam próximo a água e outros longe de lá. Eles agora passam o inverno por lá. Nenhuma neve caiu, e o resto de suas criações achou sua própria comida pastando. Porém quando a primavera veio, eles avistaram como uma multidão de canoas vieram navegando do sul, contornando o promontório...”(JONES, 1999:151).

“Aqui se encontravam todos os recursos que uma comunidade de pioneiros poderia desejar terá sua disposição: terras férteis para a agricultura, um bom clima, áreas de caça e pesca bem como ferro, que poderia ser fundido a partir do minério local, e um abundante suprimento de boa madeira para navios. No entanto, essas terras eram habitadas, e os índios locais ou esquimós, que os groelandeses nórdicos chamavam de Scraelings, eram hostis.”(ROESDAHL, 1998: 274).

⁴ Markland é hoje tida como a costa do Lavrador e Helluland, a ilha Baffin.

Apesar da colônia ser convidativa e boa, houve um grande imprevisto. Talvez elas tivessem continuado por muito tempo se não fossem os nativos, apelidados de *Skrælings*⁵. As sagas falam deles como homens horrendos, com grandes olhos e bochechas largas. Ao que tudo indica, os primeiros contatos entre os dois lados foi pacífico, os colonos seguraram um escudo em sinal de paz, e os nativos entenderam (segundo a saga de Erik, o Vermelho), se aproximaram e começaram a trocar artigos. No entanto, logo a situação entre os dois lados se torna hostil, segundo a saga, o incidente se deu por causa do touro de *Karlsefni* que estava preso e corre avançando sobre os nativos. A causa é de menor importância, mas é importante sabermos que apesar da superioridade tecnológica dos colonos, os maciços ataques dos nativos, em maior número e constante, torna inviável uma colonização efetiva da Vinlândia, onde só restou aos colonos retornar a Groelândia depois de alguns poucos anos de colonização.

6 – Conclusão:

Os povos nórdicos se lançaram ao mar, em busca de fama e glória. As sagas islandesas estão recheadas de histórias com personagens fazendeiros, mas que também são guerreiros habilidosos e temidos. Mas quando eles não praticam a batalha, eles retomam suas atividades agro-pastoris. Dotados de um espírito aventureiro que os impulsionaram a procurar terras longínquas, esses nórdicos colonos são tão bravos quanto seus companheiros vikings.

O sítio de *L'Anse Aux Meadows* não fornece todas as respostas sobre a Vinlândia. Entre outras questões porque seu nome (terra das vinhas) não entra em acordo com as plantas que crescem no local, nenhuma uva silvestre foi encontrada na região de *New Foundland*. No entanto esse nome pode ter uma ligação com algum tipo de baga da região, ou pode simplesmente significar algo totalmente diferente. Fora uma moeda de prata do rei norueguês *Olaf Kyrri*, *L'Anse Aux Meadows* é a nossa melhor pista nessa investigação, e ao que parece ela não está realmente na Vinlândia, mas sim pode ser a “porta” para ela.

Enquanto não forem feitas novas descobertas para a localização da Vinlândia, temos ainda uma certeza, eles vieram com seus barcos, ficaram por algum tempo e depois se foram, mas deixaram alguma marca.

⁵ Tanto a forma “*Skrælingar*”, quanto “*Scraëlingar*” podem ser aceitos, essas duas formas são apenas traduções diferentes, e estão no mesmo caso de “*Viking*” ou “*Viquingue*”, “*Eeirik*” ou “*Erik*” e ainda “*Brattalið*” ou “*Brattalid*”.

Referências Bibliográficas:

BYOCK, Jesse L. *Viking Age Iceland*. Londres: Penguin Books, 2001.

CAMPBELL, Joseph-Graham. *Grandes Impérios e Civilizações: Os Viquingues, origens da cultura escandinava. Vol. I-II*. Madri: Del Prado, 1997.

GWYN, Jones. *Eirik the Red and other Icelandic Saga*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

HEERS, Jacques. *História Medieval*. Editora da Universidade de S. Paulo: São Paulo, 1974.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. EDUSC: Bauru, 2005.

ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Londres: Penguin Books, 1998.